

os fogos da casa

Capítulo

Os fogos da casa começaram a queimar
Logo se apagaram e não se viu
Nada mais a não ser o fumo branco
Que se elevava para o céu azul.

Os fogos da casa começaram a queimar
Logo se apagaram e não se viu
Nada mais a não ser o fumo branco
Que se elevava para o céu azul.

Quando os fogos se apagaram
E o fumo se elevou para o céu
Respondeu o homem da casa:

Alguns fogos da casa começaram a queimar
Logo se apagaram e não se viu
Nada mais a não ser o fumo branco
Que se elevava para o céu azul.

Expectativas

Por dentro, anseio ouvir aquela frase,
Onde na miragem se avista a casa.
Por fora, a chama destrói, lambe-lambe,
As breves paredes de altura rasa...

Por dentro, enleio o moço Doris um gaze,
Compartilho o mar na maré que raze.
Por fora, ignoro o eco insistente, o "quase",
Que encrespa o tormento, um não nos desfaza...

Insisto na jura a cada alvorada.
Do conto, a alma que te anima a fachada
Pleaquece o âmageo descontínuo.

Alvura escura, onde a doença grada,
Sístole e diástole, mesma pada,
Persisto na declaração, em contínuo...

Músculo

Embeber a casa no zélor do corpo.
Cada estirada casa uma trincheira,
Com novos cantos hasteia bandeira.
Do neto brista o mó, nigror corpo.

Hais: pé que planta pise é dicarpo!
Fruto de abalo do chão, treme a leira,
É, no corpo, a casa, num gesto, inteira,
Se alarga em confusão de vento. Zapiro!

Enquanto o corpo teima e se debate,
Perdura a sede, o desejo em combate,
Enrobustece-se o músculo e a casa.

São sombria, corte do mesmo alfaiate,
Um igual coração, sem desempate,
Mas com uma ampla envergadura de asa.

Antecâmara

Que cresça são e sumarento o fruto oco
Da paisagem por dentro da janela.
Pode ser que esta porta, meu sufoco,
Seja meramente um puxão de trala...

Ainda acalento o milagre, o consócio,
Com linguagem que é reza, congela...
Sei que a retina conforta, mas pouco,
Sou um crente à procura de capela...

Deixa-me ser a tua mão noturna,
Quem vislumbra a fuga dessa cofurna,
Minha sombra muga a teu favorace.

Eu serei a alfombra que te cobre a rua,
O resguardo polbre ante a luz da lua,
Até que a tua sombra, enfim, regressa.

Dúvida (o Amor tem muitas vias)

Busco franqueza na repetição
Ou a vida do inesperado, sem dono?
Que entrega mão comporta a rendição
Ao vulgar jugo da arte, o abandono?

Da lide diária sai a rima, o grão.
Amassa-se o pão, harmoniza-se o tom.
Vem do nó a profusa construção.
Ai, se eu por ti não durmo, Amor Patrono...

Sorriso ao tempo, ao sor dos dias,
Fé e fermento, a razão da rotina,
São brasa, rumor para umas mãos frias.

Se para o Amor se obtém muitas vias,
Troco (tanto) a paixão pela faxima,
Acho no labor minhas utopias.

Meditação (Nota de intenções)

Cusar salvaguardar significados.
Abster-se por gosto, ornar um emblema -
Cusar novidade, qual novo preta,
Apto pelo zelo, pruzo seus prados.

Oferto-me ao Deus, com seu céu e alçados.
Curo o curso de prolongar um sistema.
Obrido o troféu, qual marca da algema,
Obtenho da morte um lance de dados.

Moro no tempo que estende a matéria...
Música... Onde a forma é duração...
Me abençoeu a sorte tamanha fúria...

Mescla-se a casa com o coração,
Melhor o fluxo de sangue na artéria -
Mor monumento e manutenção.

3/4

Torno ao ritmo do fruto, sebragem
Compasso, e desaproveito a cabeça,
A rechazo, sujeito-me à graça
Do beirão da fé, do mel coraçom...

Tal como uma promessa, tatuagem
No braço, agradeço a toda a compressa
Que embago, a cada plural ameaça
Que carno, com um outro gomo ou imagem.

Por entre as juntas do tapume escuto
O fogo e deixo no ventre o volume
De um rogo: que nele concentre o fruto;

Que reentre um eixo, mesmo que hirsuto,
Um rogo, e, por fim, se encontre o perfume
De algum desafogo, um salvar-conduto.

Heritacão

Porque não cedes ao corpo algum
Descanso, depois das tantas, inúmeras
Sonechas, das escadas, do jejum,
Do arangaço que este conquistou às feras?

Porque não lebes do tempo comum
Do falhanço, e concebes que o que giras
Ou pedes não te trará mais nenhum
Plemanço, não comporta primaveras?

Acaso não se faz fraco teu corpo
São? Dos cacos não brotará a glória...
Quão audaz é a tua fé ilusória?

Nada te agrada na minha oratória...
A tentação nós nos outro... Ah, tão simplória
Exceção... Não há soma para o nosso corpo...

O guarda

Eu não a tenciono abrir. Nunca! Não!
Desmaio ao vislumbre de uma fresta...
Mas, sobre o entomo, o afã da minha mão
Preserva a silhueta da floresta

Para não ruir, na frente um cartão:
"Volto já" — será que a vida se empresta?
Insisto no contorno, na oração,
Com fé que finde coisa tão fumesta...

A tua roupa espera pendurada.
Salvez venha a ser útil novamente,
Salvez leve a volta, seja somente,

Salvez da magia me faça crente...
Basta apenas um milagre, um somente...
Por favor, porta, mantém-te fechada.

Noturno

Permanece a noite, megra, impassível,
E, sobre o trinco, o gato pendurado.
De prata e zinco, os astros no brocado
Fingem que o zênite integra outro nível...

Antes nos Dois servia, era flexível.
Cada rincos prometia um sol-mador..
Hoje, o brilho de um brinco vira achado;
Perante noite tão megra, terrível...

Pouco a pouco, se despe o firmamento,
Torna-se oco, de uma nudez, sem ossos...
Da tez do breu, o moço velho pigmento

Troca o céu pelo fundo, pelo fono...
Presta o barroco gesto, o juramento...
Salvem na noite caia um céu mais grosso...

Ex-nota

Pelo fogo que sobeja na casa,
Pelo chão que se prolonga nos dedos,
Pelo canto que te beija e te embrasa,
Pelas paredes que afastam os medos,

Pelas ecos, som dos onson em brasa,
Pelos gestos que se tornam enredos,
Pelo pôr-do-sol que teima e se atrasa,
Pelos milagres e seus arvoredos,

Pelo poema do linho estendido,
Pela lide que te coveja um vestido,
Pela paisagem dentro da janela,

Pelo burlil que arredonda o zunido,
Pelo pão que segue sendo comido:
Sobre a mesa, colocos duas velas.

Alcôde

Arco: altas, baixas, curtas, compridas,
Falsas, em faixas, curvas, parecidas,
Com grottos, covas, rugosas e lisas,
(Quantas mais paredes serão precisas?)

Com e sem talique, presas, fendidas,
Lírios de aplique, ilegas, preenchidas,
Em tijolo ou madeira, acho divisas —
Serão charmeira, o tal sinal que visas?

Quantas mais dobras na casa distingue,
Maiores as fogueiras que respingo,
Maior é o esqueleto altado.

Mas de que serve ter um labirinto,
Que se conserve de luto, faminto,
Se o lugar do centro não está no alçado?

Mamutengões vs Arquitetura

Sacudi a toalha depois do almoço,
Passei a ferro e estendi os lençóis da cama,
Limpei as janelas com grande alvoroço —
Borrões de abelha seguindo um programa.

Apaguei do espaço as linhas de esboço.
É com caneta que desenho a trama.
Carrego o traço com mais arcabouço
Qu'um tom de promessa de quem declama.

Mas se o meu gesto é força de vida,
Na casa, o protesto lê-se entropia,
Evidencia a luta contra a morte.

Acopla-se o ideal da obra erigida
Ao infernal da labuta — a ironia
De renovar na casa o seu desmorto...

Sobre a duração

Li que te procuram sentir no ócio,
Na morosa imobilidade móvel;
Que, na pressa do tempo, o teu negócio
É sugerir a vida do outro imóvel.

Mas só te sinto e ao teu sacerdotar
Na rotina teimosa, com um móvel,
Na glosa de um gesto de perfil ósseo;
Cuja consciência é dom imóvel...

Se revelas no intento, no sentido,
Qua mão que se esquece das muralhas
No alento do passeio distraído?

Eu insistir com o quente das formalhas.
Busco o pão no segundo preterido.
Duração, panças são tuas migalhas...

O protesto de Penélope

Escutem: mãe se espera pelo Amor.
O afins não mostra obediência.
Porque memorizam esta potência?
Porque a equiparam com a paixão, o ardor?

Eximo-me qual prefixo ao labor,
Meu desejo acha lar na paciência.
Troco o plano fixo pela sequência,
No ansejo de prolongar o calor.

Não, eu mãe me cingo a fiar um sudário
Com um fino fio de tom grisalho
Num ritual de bris solitário...

Com meu fio te endosso, te agasalho.
Talvez assim mires o fono diário...
O Amor só se preserva no trabalho.

Luz de Setembro

"Começo pelo sol", disse o pintor,
Mas na tela o lençol muda, escurece.
Começo o fim da tarde que amadurece
É carnuda a sombra no bastidor.

Valha a luz na imagem própria da cor...
Stinda um pouco do verão permanece...
Só que o calor, anterior benesse,
Vira ideia, não mais retém fulgor...

Com a corda preta que o sol produz
Assim, a hora do tempo assina em cruz,
Assim, a hora do tempo assina em cruz,

Converte a memória num sonho omissor.
Agora, a História ou o porvir que seduz
São ombros nostálgica de um Eu enfermeiro.

Manutençaõ

È um dia esse gesto não te pertence.
È teatro de diários, são mais folhas,
A abadia de listas, um mom sense
Que em ti elevas, o rosário de lothas

Nos dedos, as vistas para um suspense
Onde mora o corpo e suas escolhas
Que adias, ou a falta delas que vence -
È a aurora, a luz, mas lajes que molhas.

Não te pertence. Não tem o teu peso.
È um automatismo em catadupa,
È uma cruz que do corpo se ocupa,

Como um bordão repetido, infinito...
Recordar aqui é lirismo, admito...
Não existe tempo que te deixe ileso..

O Dois

Nosso monumento desaparece
Ao fim de todos os dias, com
O peso de todas as pedras. Dem
Ou tormento para quem permanece

Buscando só o alimento da prece -
O sim de amanhã que trazias. Bom
Troço para as heras... Dó pelo tom
De cimento que ao intento aborrece...

Mas no mói, no fragmento, nas crateras,
No repetir em que eixados são os eixos,
No pó com que se adormam os desleixos,

Enterras rigas, unguentos, quimeras,
As promessas de brisas que não de viri...
Dormimó de sonho... Queda dormir...

O elogio da rima

Apesar de laço, dezo ao espelho
Todos os gestos que espalho, o par mínimo,
O acicatar das brisas, o vermelho
Do enchão, os catodos que expõem o íntimo

Ao duplo, ao osso a que me assemelho,
A rotina que os multiplica, o homónimo -
Simbiose igual a extensão. Um artelho
Entre o físico e o eterno, eis um sinónimo.

Crece a casa nas enumerações.
Da frase de estelhões, meus pulmões
São a tua voz, o teu canto e a orralhada.

Condensa-te, não te quero ver limpo,
Dá-me a miopia para o garimpo,
A saudação do outro lado da estrada.

A descida

Esfrega os degraus durante a descida,
Eis que sob a mão cintila o oceano.
Sera sombra de vela, ardil, engano,
Elerar o não de escadas a Vida?

A verdade e seus graus é lei sumida.
Hoje, a beleza oscila no alto ufano...
Meu porer, costela do chão profano,
Elege o iterar da prega torcida.

Escorre a água e seu jorro é rimbo,
A força do braço de jeito terno.
Deransa o puno com um arguinho,

Socorro teu corpo durante o inverno.
Só pela matéria me curvo inteiro.
O ideal é um nago cativino.

A emenda

Tanto andar pelo gesto à la prima...
Tão gesto e contar do tiro certeiro...
"Y Jemal a mão do que lesto anima",
Soa a bordão de quem vive em ninheira.

Fraca a baleia que morre da esgrima.
No exercício, o combate nem tem cheiro.
Falta o medo de falhar que aproxima
O talhe, o ofício, de lugar cinzeiro.

Sublime o vaso em cujo erro detete,
No nager do rio, o ouro que redime
Dourados afluentes no partir.

Cicatriz, que tantos nomeiam crime,
É amor, cuidar, coexistir:
Só de emendas se faz este soneto.

Paisagem

Sumiram-se as flores, o céu, a mata,
O som do riacho, a ficção bucólica,
O curto relaxar, a clara abertura...
Não há cura para a febre melancólica...

Com o passar dos anos vem a aguiara
Do encostar do chão, quais dores de cólica,
Sai dos passos a ânsia de longinqua,
Se extenua de forma diabólica.

È as muralhas de paredes que olvido
Se acumulam sobre o corpo cansado,
Cobrem a velha paisagem branca...

Para cada horizonte pervertido
Imagino a construção de um valado:
No peito, o Amor traça a cartografia...

As mãos

Minhas mãos em tuas mãos se repetem.
São teus fósforos, tuas acendalhas —
Luzem fecundas faúlhas, medalhas —
Tal favor só mesmo os santos prometem...

Que teus olhos tais pinturas afetem!
Se, à distância, ao seu toque atalhas,
Salvaz da minha vontade te valhas...
Algo mais minhas imagens projetem...

Um simples êxtase, uma aparição,
Um pequeno encontro de madrugada...
Qualquer milagre é extrema-ungão,

Qualquer afago, refresco, luzada...
Angélico seria meu serão
Mal se anunciasse a tua chegada...

Calendário

Euim. Não mais existo. Sou um calendário.
Antecipo o presente dos meus dias.
Sombro com o ausente, aliso as estrias:
Não haja vida para além deste hinário.

Cumprir a ambrição, ser só arbitrário,
Mais um número nas folhas vazias.
Sou um branco rasto de sol que amacia.
Entre os dedos, um fugo no calvário.

Em que mês estamos? Não se repete?
Na dúvida, face o imenso, prudente,
Leranto-me consultando um lembrete:

Dispõe-se-me a vida, seu uso corrente.
Na vida que a massa casa acortete.
Nos desolho um futuro... Eternamente.

Instruções

Colocar uma ripa sobre a porta.
Prendê-la com pregos de ambos os lados.
Reforçar! (É bom que aguente machados...)
Quantas mais ripas melhor se comporta —

Qual barricada que tudo suporta.
Trancar a maçaneta e seus rodados.
Recorrer à corria ou a móveis pesados.
Tudo o que a impeça de abrir reconforta...

Se o trabalho não vingar, a querença
Esconde palavras antigas, rócios,
Que antes te serviram, foram perfectos...

Quando nem a chave era uma presença...
E as portas só se liam inícios...
Antes de ao tempo estarmos sujeitos...

Repetição

Fujor do imprevisível, do interessante,
Seu registro não preza uma jornada—
No cerne, a flor da surpresa ofertada
Escala sempre um cheiro nauseante.

Serena a escolha que realça o instante,
O cultivo da pétala adornada...
Nela, a vida se apoia, é sonhada,
Cristaliza um fecundo diamante.

Nas um perigo do espelho gemina:
Tomar por graal a lembrança, o afim...
Tanta estátua deste sal se avuina...

Doce o evangelho dentro do jardim,
Onde a poda faz do Amor disciplina—
Repetir é carbono com um sim.

As sombras

Na sombra de antes tudo era conversa.
Quais corpos em tranquilo desassunção,
Numa vaga nebulosa de fumo...
Era a casa no mundo e vice-versa...

Lentamente, a mesa sombra dispersa...
A um pesaresse exílio me acostume...
Perante o fardo, a chaga do resumo,
De solidão a vida me surge imersa.

Não saberei ver além da metade,
Onde não reluz o hábito da espada...
Se só partilhar indica verdade,

Que vida esta que a sorte fez errada...
Por isso, insisto, feito Heráclito,
Quisá tua vida seja poupada...

Arquitetura melancólica

Quiera que a casa se esqueça da imagem,
Da pose com que cose uma virtude,
Da hipnose da abstração, da quietude,
Da morte em que a prisão é a linguagem.

Quiera que o brase agitar da folhagem
E leve a sugestão de incompletude,
Abraze a mão da cura, da saúde,
De uma arquitetura sempre em viagem.

Este desígnio aos corpos se lança:
Que recuperem na casa a incerteza.
Funda-se o lar, renova-se a aliança,

No ígneo gesto que traz a limpeza.
Mas toda a arquitetura têm de herança
Um desejo secreto de tristeza...

O intruso

Esta casa não oferece um refúgio
Faz a adversidade da tempestade,
Persiste ao sublime, à deidade,
Sem o prazer de qualquer subterfúgio.

Não há distância amena, apenas conjução—
Não se ouve na concha o mar de verdade—
No centro do tornado, em paridade,
A nossa casa opõe-se ao transfúgio.

Nela, a chuva faz um choro, um lamento.
Nela, o vento é contorno difuso,
Onde os trovões trazem vida, dão alento,

Paz de um Deus com que do medo me escuso.
São a paisagem interna com que enfrento
Esse outro incommensurável intruso.

O túnel

Do túnel me acenavas e eu sorria...
A promessa cantando da outra margem -
Onde começa o físico e a miragem? -
Nem a lógica já me respondia...

Do túnel me acenavas e eu corria...
Na cabeça, o real tornou-se imagem -
Pregressou e morreu a impedir a passagem -
O nosso encontro a lógica proibia...

Nesse túnel, meu mundo se fez crível
Num mais profundo real que consagra
A suspensão de um irreal possível...

Mas, do túnel, só teu nítido sinal agia...
Só esse aceno e seu encanto insensível...
Talvez entrar seja mesmo um milagre...

Maturidade

Via-te mo longe, ma embriaguez
Da alquimia que corteja o imprevisito,
No vendaval, navegando, lenquistor,
Na alegria termal da fluidiez.

Liberdade, fruto da madurez,
Só te olho mo olho quando resisto,
Quando sereno, resolutor, invisto,
Nas palavras que escam da mudiez.

Surges mo repetir com que agradeço,
Na casa, mo projeto em que intervim.
Nos limites, como um monge me expresseo,

No afirmar de um propósito, de um fim:
Dei que esta voz é só mais um começo
De um corpo íntimo longe de mim.

Para a minha tia Graça, pelo exemplo. | Título: *os fogos da casa*
Autor: Tiago Madaleno Design: Tiago Madaleno Edição Manual:
sem tiragem definida (todos os exemplares físicos deste livro de
artista são escritos à mão e devem ser oferecidos). Este livro surge
associado ao projecto *Est de Setembro* (2021 — .), desenvolvi-
do com o apoio do Programa Garantir Cultura e que teve a sua
primeira exposição na Galeria do Paço / CdC Paço, em Braga,
Universidade do Minho, entre 25 de Fevereiro e 18 de Março de
2021 | Encomenda institucional: República Portuguesa — Ministério
da Cultura Outros parceiros: Universidade do Minho, Rede Cas-
as do Conhecimento, Appleton — Associação Cultural, Parco
archeologico di Pompei, Fondazione Giorgio e Isa de Christo
Agradecimentos: Prof. Dr. Joana Aguiar e Silva, Thays Cunha,
Marta Mestre, António de Castro Casero, Federica Polenta,
Leonor Lloret, Vera Appleton, Joana Patrão, Adrián Romero,
Daniel Fonseca e à minha família. | @ Tiago Madaleno | Todos os
direitos estão reservados. Nenhuma parte desta publicação pode
ser reproduzida, arquivada ou partilhada sobre qualquer forma,
física ou digital sem o consentimento do autor. | Março 2022 |
+ info: www.tiagomadaleno.com | tiagomadaleno@gmail.com